

Vem à livraria nas horas de maior movimento, mas isso, já se sabe, é de propósito: facilita-lhe o trabalho.

Rouba livros. Faz isso há muitos anos, desde a infância, praticamente. Começou roubando um texto escolar que precisava para o colégio: foi tão fácil que gostou; e passou a roubar romances de aventura, livros de ficção científica, textos sobre arte, política, ciência, economia. Aperfeiçoou tanto a técnica que chegava a furtar quatro, cinco livros de uma vez. Roubou livros em todas as cidades por onde passou. Em Londres, uma vez, quase o pegaram; um incidente que recorda com divertida emoção.

No início, lia os livros que roubava. Depois, a leitura deixou de lhe interessar. A coisa era roubar por roubar, por amor à arte; dava os livros de presente ou simplesmente os jogava fora. Mas cada vez tinha menos tempo para ir às livrarias; os negócios o absorviam demais. Além disso, não podia, como empresário, correr o risco de um flagrante. Um problema que ele resolveu como resolve todos os problemas, com argúcia, com arrojo, com imaginação.

Zás! Acabou de surrupiar um. Nada de espetacular nessa operação: simplesmente pegou um pequeno livro e o enfiou no bolso. Olha para os lados; aparentemente ninguém notou nada. Cumprimenta-me e se vai.

Um minuto depois retorna. Como é que me saí, pergunta, não sem ansiedade. Perfeito, respondo, e ele sorri, agradecido. O que me deixa satisfeito; elogiá-lo é não apenas um ato de compaixão, é também uma medida de prudência. Afinal, ele é o dono da livraria.

SCLIAR, Moacyr. No mundo das letras. In: MIRANDA, Ana; SCLIAR, Moacyr; FONSECA, Rubem. *Pipocas*, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Viene in libreria nelle ore in cui c'è più gente, ma, questo lo sappiamo già, lo fa apposta: gli rende più facile il lavoro.

Ruba libri. Lo fa da molti anni, dall'infanzia praticamente. Cominciò rubando un testo scolastico di cui aveva bisogno per la scuola: fu così facile che gli piacque; e passò a rubare romanzi d'avventura, libri di fantascienza, testi sull'arte, politica, scienza, economia. Perfezionò tanto la tecnica che poteva sottrarre quattro, cinque libri in una volta. Rubò libri in tutte le città dove passò. Una volta a Londra quasi lo beccarono, un incidente che ricorda con piacevole emozione.

All'inizio leggeva i libri che rubava. Poi perse l'interesse per la lettura. La cosa era rubare per rubare, per amore dell'arte; i libri li regalava o semplicemente li buttava via. Ma aveva sempre meno tempo di andare nelle librerie, gli affari lo assorbivano troppo. Inoltre, come imprenditore, non poteva correre il rischio di farsi cogliere in flagrante. Un problema che risolse come risolve tutti i problemi: con arguzia, con audacia, con creatività.

Zác! Ne ha appena arraffato uno. Niente di spettacolare in questa operazione: ha semplicemente preso un libricino e se l'è infilato in tasca. Si guarda intorno; apparentemente nessuno ha visto niente. Mi saluta e se ne va.

Un attimo dopo ritorna. E allora com'è andata, mi chiede, con un pizzico di ansietà. Perfetto, gli rispondo, e lui sorride grato, il che mi soddisfa; elogiarlo non è solo un atto di compassione, è anche una misura di prudenza. In fin dei conti, lui è il proprietario della libreria.

Versão: Terezinha Casagrande Teixeira, Rosângela Tolotti e Marivone Cecchet Sirtoli, sob orientação da Prof^a. Susana Termignoni.